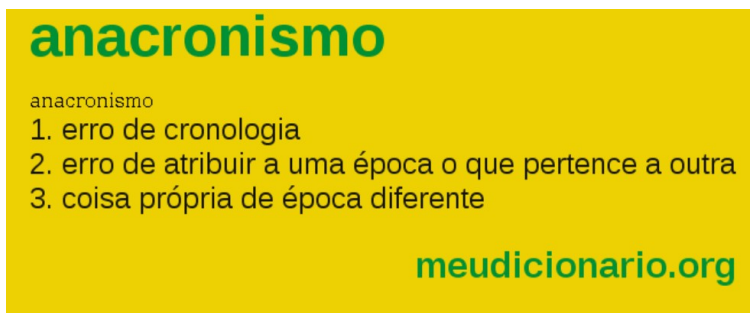


Allan Kardec e o conceito racista de sua época

“[...] os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico.”
(ALLAN KARDEC)

O primeiro ponto, talvez seja o mais importante é a questão do **anacronismo** imperdoável dos que acusam Allan Kardec (1804-1869) de ter sido um racista. Aliás, pode-se considerar um erro grave, quando usado com objetivo definido de depreciar a sua reputação.

Consultando o portal [Meudicionario.org](https://www.meudicionario.org) ⁽¹⁾, encontramos:



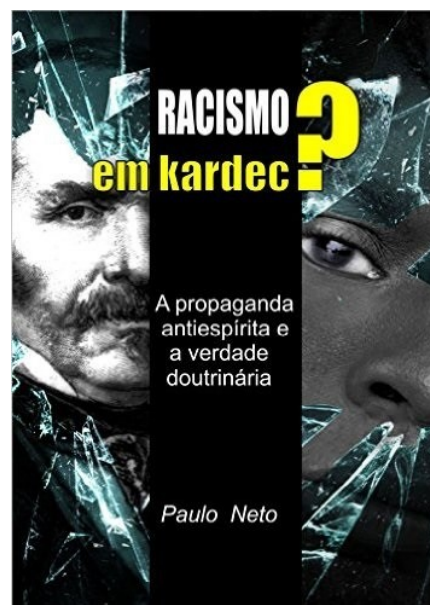
Compreendemos que há muita gente inocente que nem mesmo se deu conta do que está fazendo, mas ao acusar alguém de alguma coisa é preciso ter pleno conhecimento do que é dito e, conforme o caso, também do caráter da pessoa, para não se passar por “louco” ou fanático falando coisa sem nexo algum.

Nós, para ser bem sinceros, nem mesmo concordamos que Allan Kardec esteve “preso” ao conceito de época, em relação à crença de que os negros seriam seres inferiores, porquanto, entendemos que em suas obras se vê claramente que ele foi radicalmente contra qualquer tipo de preconceito,

1 MEUDICIONARIO.ORG. Anacronismo, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/anacronismo>

incluindo o de raça.

Veja, caro leitor, estes trechos que transcrevemos da nossa pesquisa publicada no ebook **Racismo em Kardec?** ⁽²⁾, onde apresentamos uma aprofundada pesquisa sobre o tema. Mas, infelizmente, poucos espíritas conhecem o Codificador sob esta ótica, inclusive, alguns fazem coro com os detratores julgando-o também racista. Ele, os trechos, serão colocados de acordo com a ordem que aparecem no ebook, e, adiantamos que as páginas em referência podem não ser exatamente as citadas, visto que, em alguns casos, tomamos parte dos trechos.



Primeiramente, precisamos transcrever alguns trechos da palestra **“Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”** proferida, no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB - RJ, acontecido em 05 de novembro de 2003, pelo Dr. Kabengele Munanga, professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, que é citada no ebook:

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. **Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época**, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir,

2 SILVA NETO SOBRINHO, Racismo em Kardec?, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/204-racismo-em-kardec>

administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.

[...].

No século XVIII, batizado século das luzes, isto é, da racionalidade, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento e da explicação concentrado nas mãos da Igreja e os poderes dos príncipes. Eles se recusam a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade fundamentada na idade de “ouro”, para buscar uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Eles recolocam em debate a questão de saber que eram esses outros, recém-descobertos. **Assim lançam mão do conceito de raça já existente nas ciências naturais para nomear esses outros que se integram à antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho ao nascimento de uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformada mais tarde em Biologia e Antropologia Física.**

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. **Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo.** A classificação é um dado da unidade do espírito humano. [...].

[...].

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. **No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d’água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estanças que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela.** Ora, a cor da pele é definida pela concentração da melanina. É justamente o grau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo. [...] Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos. Da mesma maneira que os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico apesar da pequena estatura que eles têm em comum.

No século XIX, acrescentou-se ao critério da cor outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial, etc. para aperfeiçoar a classificação. O crânio alongado, dito dolicocefalo, por exemplo, era tido como característica dos brancos “nórdicos”, enquanto o crânio arredondado, braquicefalo, era considerado como característica física dos negros e amarelos. Porém, em 1912, o antropólogo Franz Boas observara nos Estados Unidos que o crânio dos filhos de imigrantes não brancos, por definição braquicefalos, apresentavam tendência em alongar-se. O que tornava a forma do crânio uma característica dependendo mais da influência do meio, do que dos fatores raciais.

No século XX, descobriu-se graças aos progressos da Genética Humana, que haviam no sangue critérios químicos mais determinantes para consagrar

definitivamente a divisão da humanidade em raças estancas. Grupos de sangue, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram encontrados com mais frequência e incidência em algumas raças do que em outras, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de marcadores genéticos. O cruzamento de todos os critérios possíveis (o critério da cor da pele, os critérios morfológicos e químicos) deu origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes à uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes à raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça, pode, embora com menos incidência ser encontrado em outra raça. Assim, um senegalês pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um congolês, da mesma maneira que raros casos de anemia falciforme podem ser encontrados na Europa, etc. **Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.**

A invalidação científica do conceito de raça não significa que todos os indivíduos ou todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Os patrimônios genéticos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças. O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. **Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.**

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para

legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda guerra mundial.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etnosemântica. [...].

Alguns biólogos antirracistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. **No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.**

[...].

O CONCEITO DE RACISMO

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmo conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, **o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.** Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. **O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence.** De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Mas o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, eles têm origens mítica e histórica conhecidas. A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé, do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). [...] **A Segunda origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos**

povos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constitui o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana.

[...].

A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça. Assiste-se então ao deslocamento do eixo central do racismo e ao surgimento de formas derivadas tais como racismo contra mulheres, contra jovens, contra homossexuais, contra pobres, contra burgueses, contra militares, etc. Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metáforização, resultante da biologização de um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. **Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social.**

Esse uso generalizado do racismo pode constituir uma armadilha ideológica, na medida em que pode levar à banalização dos efeitos do racismo, ou seja, a um esvaziamento da importância ou da gravidade dos efeitos nefastos do racismo no mundo. Por que os negros se queixam tanto, pois afinal não são as únicas vítimas do racismo (?), indagariam os indivíduos motivados por essa lógica de banalização. Em consequência, o racismo com seus múltiplos usos e suas numerosas lógicas se torna tão banal que é usado para explicar tudo. Mas o deslocamento mais importante do eixo central do racismo pode ser observado bem antes dos anos 70, a partir de 1948, com a implantação do *apartheid* na África do sul. O *apartheid* (palavra do Afrikans), foi oficialmente definido como um projeto político de desenvolvimento separado, baseado no respeito das diferenças étnicas ou culturais dos povos sul-africanos. Um projeto, certamente fundamentado no multiculturalismo político e ideologicamente manipulado. Observa-se também que é em nome do respeito das diferenças e da identidade cultural de cada povo que o racismo se reformula e se mantém nos países da Europa ocidental contra os imigrantes dos países árabes, africanos e outros dos países do Terceiro mundo, a partir dos anos 80. **Já no fim do século passado e início deste século, o racismo não precisa mais do conceito de raça no sentido biológico para decretar a existência das diferenças insuperáveis entre grupos estereótipos.** Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização, em especial a essencialização histórico-cultural. Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos. **Enquanto o racismo clássico se alimenta na noção de raça, o racismo novo se alimenta na noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um lexical mais aceitável que a raça** (falar politicamente correto). ⁽³⁾ (grifo nosso)

3 MUNANGA, <http://www.academia.edu/33385119/>. Uma abordagem conceitual das noções de raça e de identidade e etnia - Kabengele Munanga.

Essa visão, logo no início desse artigo, servirá para um correto posicionamento dos que, porventura, terão a oportunidade de lê-lo. Acreditamos que ajudará sobremaneira a compreensão do problema e a percepção de que muito do que se fala por aí, em relação a Allan Kardec ser racista, nada tem a ver com a verdade.

Agora sim, vamos transcrever o que encontramos que nos revela a real posição de Allan Kardec sobre o tema.

Em 1828, Kardec publica o *Plano proposto para a melhoria da Educação Pública*; portanto, contava apenas 24 anos, mas já lhe sobressaía o caráter de educador. Vejamos o seguinte trecho da citada obra:

Ora, que se examine o interior das famílias e que se calcule a multidão de lamentáveis impressões que as crianças estão em condições de receber, frequentemente desde o berço, seja por fraqueza materna, seja por maus exemplos e por maus conselhos de domésticos, seja por uma infinidade de circunstâncias; que se examine em seguida a organização da maior parte das casas de educação e a quantidade infinita de impressões perniciosas, que resultam ou da própria organização, ou da imperícia, da ignorância, da brutalidade das pessoas que se empregam para colaborar na educação; desta multidão de empregados subalternos que saindo de suas aldeias[*] creem saber educar os homens e fazer deles notáveis cidadãos, porque sabem um pouco de latim; sem contar as frequências perigosas e sobretudo os costumes depravados que são, comumente nessas casas, o resultado da negligência ou da imprevidência e que fazem os estragos mais terríveis. [...].

[*] **Certamente, não está no meu pensamento, nem nos meus princípios, desprezar ninguém, e menos ainda de rebaixar o nascimento de quem quer que seja, pois nenhuma classe tem o privilégio exclusivo de dar à sociedade homens estimáveis**; minha observação não aponta pois para a condição em si mesma, mas para o vazio que esta condição pode deixar no professor, se este não puder preenchê-lo por si mesmo. (N.A.).

(INCONTRI e GRZYBOWSK, 2005, p. 66, grifo nosso)

Allan Kardec, em nota, esclarece o seu pensamento, de forma que é fácil perceber que a sua formação não lhe permitia discriminar as pessoas, por motivo nenhum, fato não levado em conta pelos detratores do Espiritismo, uma vez que pouco ou nada sabem sobre ele.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, **sem distinção de raças, nem de crenças**, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema

aos que como ele não pensam. (KARDEC, *ESE*, 1990, p. 285, grifo nosso)

De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; **onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis não consagram nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos**, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário. (KARDEC, *LE*, 2006, p. 436-437, grifo nosso)

Estar-se-ia em erro considerando-se a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, porque ela conta mais de um proletário em seu seio; acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, que venham do alto ou do baixo da escala social; o grande senhor e o artesão se dão a mão fraternalmente. Há algum tempo, ao casamento de um de nossos colegas, trabalhador também, assistiam um alto dignatário estrangeiro e a princesa sua mulher, ambos membros da Sociedade, que não tinham acreditado derrogar vindo sentar-se lado a lado com os outros assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada numa capela obscura de uma opulenta paróquia, estivesse reduzida à sua mais simples expressão. É que o **Espiritismo**, sem cogitar uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens sob o mesmo nível social impossível, **fá-los apreciar de um outro ponto de vista do que o prisma fascinante do mundo; ensina que o pequeno pode ter sido grande sobre a Terra, que o grande pode tornar-se pequeno**, e que no reino celeste as classes terrestres não são contadas por nada. Assim é que, **destruindo logicamente os preconceitos sociais de castas e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.** (KARDEC, *RE 1863*, 2000a, p. 297-298, grifo nosso)

O **Espiritismo**, com efeito, é um laço fraternal que deve conduzir à prática da caridade cristã todos aqueles que o compreendam em sua essência, porque tende a **fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme que dividem os homens**; mas essa fraternidade não é a de uma seita; para ser segundo os divinos preceitos do Cristo, **ela deve abraçar a Humanidade toda, porque todos os homens são os filhos de Deus**; se alguns estão afastados, ele manda lamentá-los; proíbe odiá-los. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; não disse: Amai aqueles que pensam como vós; por isso, quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições: esses princípios serão sempre daqueles que os professam, de homens que não procurarão nunca na desordem e no mal do seu próximo, a satisfação de seus interesses ou de suas paixões. (KARDEC, *RE 1858*, 2001b, p. 204, grifo nosso)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a **injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte**, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o **da igualdade dos direitos sociais** e, por conseguinte, o da liberdade. (KARDEC, *Gn*, 1995, p. 31, grifo nosso)

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer **que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade**. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que **fará caíam os preconceitos de casta e se caíem os antagonismos de seitas**, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. (KARDEC, *Gn*, 1995, p. 414-415, grifo nosso)

Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família**; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles **suprimem as barreiras que os separavam** e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência. (KARDEC, *Gn*, 1995, p. 415, grifo nosso)

Não creiais, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunir aqui seja um fato puramente pessoal; esta reunião, disso não duvideis, tem um caráter pessoal e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis a isso vos impeliram, com o vosso desconhecimento e talvez um dia ela marcará nos fatos do Espiritismo. Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passo da aliança que deve existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque **o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor**. O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, **estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque**

esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; **então ver-se-á desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje.** Mas isto é obra do tempo, deixemos a Deus o cuidado de fazer chegar cada coisa à sua hora; esperemos tudo de sua sabedoria e agradeçamo-lo somente por nos ter permitido assistir à aurora que se eleva para a Humanidade, e de nos ter escolhido como os primeiros pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne derramar a sua bênção sobre esta assembleia, a primeira onde os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, num sentimento de verdadeira confraternização.

Digo verdadeira confraternização, porque tenho a íntima convicção de que todos aqui presentes, não trazem nenhuma outra; mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estão aqui entre nós, que nos escutam neste momento, espiam todas as nossas ações, e sondam os pensamentos de cada um, investigando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são bem diferentes; se uns estão felizes com esta união, outros, crede-o bem, estão horrivelmente enciumados com ela; saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe-vos a todos vós, bons e sinceros Espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo, e que se enganam crendo encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência de vossos anjos guardiães, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seria para o bem; ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e **um pensamento é necessariamente mau quando é contrário à lei de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém.** Amor e caridade para todos, disse o Espiritismo; amarás a teu próximo como a ti mesmo, disse o Cristo: isto não é sinônimo? (KARDEC, *RE 1861*, 1993c, p. 296-303, grifo nosso)

Admira-se, frequentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas consequências, e sobretudo da **reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor.**

A ideia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para fazer rejeitar o todo; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como

sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. [...]. (KARDEC, *RE 1862*, 1993d, p. 50, grifo nosso)

Nós, **nós trabalhamos para dar a fé àqueles que não creem em nada; a difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros**, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, a **se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa**; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais. [...]. (KARDEC, *RE 1863*, 2000a, p. 57, grifo nosso)

Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria a se chocar contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados nesse país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir em outro tempo. Ora, não é duvidoso que esse obstáculo acabará por desaparecer e que um dos resultados da guerra atual será o enfraquecimento gradual dos preconceitos que são uma anomalia numa nação tão liberal.

Se a ideia da reencarnação não é ainda aceita nos Estados Unidos de maneira geral, o é individualmente por alguns, senão como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. (KARDEC, *RE 1862*, 1993a, p. 148-149, grifo nosso)

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloquente discurso de **defesa em favor da reabilitação da raça negra, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado**; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para a raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar. (KARDEC, *RE 1866*, 1993b, p. 280-282, grifo nosso)

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon se aplicam naturalmente a Tom, o cego. Tom deve ser um grande músico ao qual basta ouvir para estar no caminho daquilo que soube. **O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se oporia à cultura de suas aptidões nativas, e apesar**

da qual elas se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germina aos raios do sol. Ora, como a raça negra, em geral e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, disto é preciso concluir que o Espírito de Tom não pertence a essa raça; mas que nela se encarnou, seja como expiação, seja como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito de cor; tudo o que se disse é justo e moral; mas não era senão uma tese filosófica. A lei de pluralidade das existências e da reencarnação vem acrescentar-lhe a irrefutável sanção de uma lei da Natureza que consagra a fraternidade de todos os homens. **Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um pretexto vivo contra os preconceitos que reinam ainda naquele país.** (KARDEC, *RE 1867*, 1999, p. 51, grifo nosso)

O progresso intelectual realizado até este dia, nas mas vastas proporções, é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar aos outros e de se entre destruírem.

Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que abaixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos, chamados para se entre ajudarem e não viverem às expensas uns dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, aceitas por todos. **A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrado em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos que é preciso amar.**

Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical nos sentimentos das massas, um progresso geral que não poderia se realizar senão saindo do círculo das ideias estreitas e terra-a-terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram conduzir a Humanidade nesse caminho; mas a Humanidade, embora muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje, ela está madura para levar seus olhares mais alto do que ela não o fez, para assimilar as ideias mais amplas e compreender o que não tinha compreendido. A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que se levanta, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas

ideias grandes e generosas que vêm à luz e que começam a encontrar ecos. Assim é que se vê se fundar uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. **Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam de todas as partes do mundo, se reúnem em comícios universais pelos torneios pacíficos da inteligência.** Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolver, se completar e se consolidar, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitas pelas massas.

Este não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se realizará sobre uma mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício. (KARDEC, *RE 1866*, 1993b, p. 289-301, grifo nosso)

E aqui terminamos as transcrições dos trechos do ebook *Racismo em Kardec?* que queríamos ressaltar.

A quem teve o trabalho de pesquisar, fica clara a posição de Allan Kardec, que, em hipótese alguma, se coadunava com qualquer tipo de discriminação que pudesse servir para separar os homens. Percebe-se também que ele sempre destacou bem mais o valor do Espírito, que o corpo físico com o qual esse se encontra, temporariamente, revestido.

Além dos artigos de vários estudiosos espíritas (ver links abaixo), também recomendamos a todos o nosso ebook citado, porquanto, os textos de Allan Kardec que, geralmente, são usados para tê-lo à conta de um racista, são, um a um, analisados por nós. Fizemos isso tomando como premissa básica o pensamento dele, sintetizado nos trechos que transcrevemos nesse pequeno resumo.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2012
(revisão out/2023)

Referências bibliográficas:

INCONTRI, D. e GRZYBOWSKI, P. *Kardec Educador - Textos pedagógicos*. Bragança Paulista,

SP: Comenius, 2005.

KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras, SP: IDE, 2001b.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras, SP: IDE, 1993c.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras, SP: IDE, 1993d.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras, SP: IDE, 2000a.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras, SP: IDE, 1999.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das nações de raça, racismo, identidade e etnia**. em http://www.academia.edu/33385119/._Uma_abordagem_conceitual_das_no_%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengelê_Munanga. Acesso em: 10 dez. 2017.

SILVA NETO SOBRINHO, P. **Racismo em Kardec?**, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/204-racismo-em-kardec>. Acesso em: 06 mar. 2023.

Artigos e ebooks no site www.paulosnetos.net que tratam dos temas:

I - PRÓPRIOS

- 01 - **Allan Kardec um racista brutal e grosseiro**, Paulo Neto: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/266-allan-kardec-um-racista-brutal-e-grosseiro>
- 02 - **Católicos que acusam Kardec de racista**, Paulo Neto: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/261-catolicos-que-acusam-kardec-de-racista-v4>
- 03 - **Allan Kardec e o conceito racista de sua época**, Paulo Neto: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/360-kardec-e-o-conceito-racista-de-sua-epoca>
- 04 - **Racismo em Kardec?**, Paulo Neto: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/204-racismo-em-kardec>

II - COLABORADORES

- 05 - **Espiritismo e racismo**, Beto Ramos: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/944-beto-ramos-espiritismo-e-racismo>
- 06 - **Kardec: racista ou vítima de preconceito?**, Cesar Boschetti: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/973-cesar-boschetti-kardec-racista-ou-vitima-de-preconceito>
- 07 - **Racismo: preconceito contra Kardec**, Dr. Iso Jorge Teixeira: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/124-iso-jorge-teixeira-racismo-preconceito-contra-kardec>
- 08 - **Kardec, racismo e espiritismo: uma reflexão**, Jorge Hessen: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/158-jorge-hessen-kardec-racismo-e-espiritismo-uma-reflexao>

- 09 - ***Kardec: o maior racista de todos os tempos***, Jorge Medeiros:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/751-jorge-medeiros-kardec-o-maior-racista-de-todos-os-tempos>
- 10 - ***Kardec era racista?***, Roberta Müller Scafuto Scoton:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/144-roberta-mller-scafuto-scoton-kardec-era-racista>
- 11 - ***Allan Kardec pode ser considerado um racista?***, Thiago T. Ferrari:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/9-textos-de-colaboradores/136-thiago-toscano-ferrari-allan-kardec-pode-ser-considerado-um-racista-v3>